



Reflexões sobre o processo de pesquisa-criação-ensino materializada por meio da escrita autoral do livro “Exu, caminhos de orientação: Saberes de tradição Ijexá, afro-geografias de um ogan”

Reflections on the research-creation-teaching process materialized through the authorial writing of the book “Exu, orientation paths: Knowledge of the Ijexá tradition, afro-geographies of an ogan”

Reflexiones sobre el proceso investigación-creación-docencia materializadas a través de la escritura del autor del libro “Exu, caminos de orientación: Conocimiento de la tradición Ijexá, afro-geografías de un ogan”

Raimundo Nunes de Oliveira Ajagunan¹
Ilê Axé Ijexá Olufon

Dossiê

RESUMO

O presente artigo é fruto da minha pesquisa de mestrado que teve como produto final “Exu, caminhos de orientação: Saberes de Tradição Ijexá e Afro-geografias de um Ogan” (um boneco de livro paradidático), elaborado durante o Curso Mestrado Profissional em Ensino e Relações Étnico-Raciais, da Universidade Federal do Sul da Bahia. São abordados neste Memorial: a) as bases teóricas metodológicas e o processo de pesquisa-criação que permitiu a proposta de escrita autoral do referido livro paradidático; b) narrativa autobiográfica de formação e trajetória docente; c) ensaio crítico “Viver entre dois mundos, o adjá e a caneta: história de vida de Ajalá Deré, Ruy do Carmo Póvoas”, inédito; d). Acreditamos que as metodologias ancestrais presentes na formação socioeducativas dos povos de axé contribuem na luta por uma educação antirracista.

Palavras-chave: Saberes Tradicionais Ijexá; Candomblé; Oralidade; Educação Antirracista.

ABSTRACT

This Memorial accompanies the final product “Exu, paths of orientation: Knowledge of the Ijexá Tradition and Afro-geographies of an Ogan” (a puppet of a paradidactic book), elaborated during the Professional Master Course in Teaching and Ethnic-Racial Relations, from Federal University of Southern Bahia. The following are covered in this Memorial: a) the theoretical-methodological bases and the research-creation process that allowed the proposal for authorial writing of the referred book; b) autobiographical narrative of formation and teaching trajectory; c) critical essay “Living between two worlds, the adjá and the pen: Ajalá Deré's life story, Ruy do Carmo Póvoas”, unpublished; d) scientific article published in the context of the formation of the Master's Course, entitled “Alá Funfun: experiences, knowledge and colors at Ilê Ijexá, in Itabuna / BA”. The texts that make up this Memorial have the function of explaining the training processes experienced in the Course and the results achieved, in the form of products made, from September 2017 to December 2020.

Palavras-chave: Ijexá Traditional Knowledge; Candomblé; Orality; Anti-racist education.

¹ Mestre em Educação e Ensino das Relações Étnicos Raciais, pela Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB (Itabuna/BA), especialista em Metodologia do Ensino da Geografia pela UNIASSELVI. Graduado em Geografia pela UESC. Músico, Ogan Alagbe, chefe da Orquestra Sagrada do Ilê Axé Ijexá Olufon - Itabuna. <https://orcid.org/0000-0003-1788-102X> E-mail: rnunesajagunan@hotmail.com.



RESUMEN

Este artículo es el resultado de la investigación de mi maestría que tuvo como producto final “Exu, caminos de orientación: Conocimiento de la Tradición Ijexá y Afro-geografías de un Ogan” (un manual ficticio), elaborado durante la Maestría Profesional en Docencia y Étnicas. -Relaciones Raciales, de la Universidad Federal de Sul da Bahia. En este Memorial se abordan: a) las bases teóricas metodológicas y el proceso de investigación-creación que permitió la propuesta de escritura autoral del citado libro paradidáctico; b) narrativa autobiográfica de la formación y trayectoria docente; c) ensayo crítico “Viviendo entre dos mundos, la adjá y la pluma: história de vida de Ajalá Deré, Ruy do Carmo Póvoas”, inédito; D). Creemos que las metodologías ancestrales presentes en la formación socioeducativa de los pueblos de axé contribuyen a la lucha por una educación antirracista.

Palabras clave: Conocimiento tradicional Ijexá; Candomblé; Oralidad; Educación antirracista.

Considerações iniciais

O terreiro é, para mim, um espaço sagrado e ancestral; e também sempre foi um lugar de sociabilidade e de estudo-aprendizagem da Geografia. O terreiro me ensinou a viver e a me preparar para uma vida de honestidade, em que cada um torna-se filho, porque lá na frente será pai.
Ajagunan (2020, p. 12).

A encruzilhada é o ponto central de existência, nela se tem o direcionamento dos caminhos para tomar decisões na vida. Para nós do Candomblé, necessitamos transitar por qualquer ponto geograficamente falando, mas também metafisicamente compreendendo, que a partir do centro da encruzilhada, as várias possibilidades do viver e do criar vidas ancestralmente vividas, é possível. Eu diria que ela é a morada central de todas as energias do mundo, o contato com visível e invisível, com o racional e irracional, da luz e da sombra, onde teremos terra, fogo, água e ar, tudo isso são elementos que encontramos neste caminho de quatro pontos, ora de três pontos ou de quatro pontos.

Para transitar pelas encruzilhadas do mundo precisa percepção no olhar, no falar no sentir, no viver, esses aspectos o terreiro pode mostra através “do olhar, a boca e da boca ao ouvido”, essa forma de aprender no axé é a mesma que Exu exige para fazer a comunicação dos humanos com os orixás e Eledumare. Transitar nos pontos de energia que existem no mundo e buscar caminhos é ter Exu como elemento primordial e condutor para a sobrevivência.

Nesse ponto os caminhos de orientação, que estão localizados no universo, Norte, Sul, Leste, Oeste, cada força dessas têm um orientador odus (caminhos), orixás, os elementos da natureza, tudo vai completar os caminhos que os humanos precisam para descolar no universo

da vida e para um sobreviver e buscar no seu eu, as formas dadas por Olorum para estar no aye (terra).

Nos saberes do terreiro, todos esses pontos são reinventados e recriados no que chamamos de África em miniatura, em um pequeno espaço direcionamos para o fazer da prática religiosa o reencontro com a ancestralidade, representadas pelas forças da natureza. Tudo na terra tem um significado para os saberes de povos de terreiro, como dizem os mais velhos do axé “não cai uma folha no chão sem a permissão do altíssimo”. Isso nos mostra que há um respeito pelos pontos da natureza que existe na encruzilhada do mundo que Exu pode estar em todos os espaços direcionando e orientando. E encruzilhada em quatro, essa divisão nós temos em tudo aqui nessa existência a começar pela criação do mundo que Olorum fez em quatro dias os quatro primeiros odus, dando forma aos pontos cardeais, trazendo os primeiros orixás, e criando os humanos, na cabeça nós temos esses pontos, se olharmos bem para nós mesmo nós somos pontos fortes porque trazemos uma encruzilhada na cabeça: lado direito, lado esquerdo, frente e costa.

Outra forma simbólica de representação da encruzilhada nos terreiros de candomblé é o uso do Obi² em vários rituais, principalmente nos dedicados a Exu. O Obi de quatro gomos (lobos) representa a encruzilhada e ao usá-lo resgatamos a cosmopercepção (OYERONKE,1997) de que a vida pode ser compreendida a partir da encruzilhada de quatro caminhos que se abre para diversos outros caminhos. O mundo é quatro (água, terra, fogo e ar), a nossa cabeça é quatro (lado direito, lado esquerdo, frente e fundo), as estações são quatro (primavera, verão, outono e inverno), os pontos cardeais são quatro (norte, sul, leste oeste) e que desdobrados por caminhos, na cultura nagô, vai a 16 pontos de energias. Existem mais caminhos, mas consideramos os 16 caminhos como os mais importantes dos *odus* (caminhos), a serem cultuados pelos pertencentes da religião. A natureza é perfeita, nós acreditamos nessa natureza, ela representa nossos ancestrais e também nossos orixás. As águas, as matas, o ar, o fogo, as montanhas, quando bem aprendido as lições, elas são bem cuidadas pelo povo do santo, isso também são saberes passados de geração em geração, pelos que vieram primeiro do que nós.

² Noz de coca. Fruto sagrado usado nos rituais nas religiões de matrizes africanas.



1. Fala sobre Exu e a pesquisa criação

Exu é uma memória viva, de um momento de fé, na hora do seu *Ipadê*³ é um momento de conexão com sua energia, que vai trabalhando a partir da comunicação desse orixá, quando ele fala pelos ikins e jogo de búzio, quando reunidos em seu telheiro (o espaço onde se referenda em primeiro lugar o orixá Exu, local específico de seu assentamento chamado de peji, Exu pode ser reverenciado em outros espaços fora do terreiro, entende-se que esse orixá estar qualquer lugar, principalmente nas encruzilhadas.

Neste momento se aplica o primeiro método do olha a boca, vamos ver o que Exu fala. Com os olhos, o babalorixá, ou a yalorixá faz a leitura dos búzios ou do obi. Depois transmite em voz alta para a comunidade reunida diante, do grande orixá. Para uma pessoa que está participando pela primeira vez desse ritual, muitas perguntas serão acionadas pela falta de conhecimento dos saberes e fazeres nagô, somente os de “dentro” compreenderão o ritual e a comunicação que o orixá está fazendo naquele momento.

Além da compreensão espacial do que é a encruzilhada, e como ela está presente no ensino da geografia, as narrativas de terreiros também apresentam outras compreensões de mundo, que vão além das narrativas ocidentais. Falam de um povo que foi forçado a deixar seu continente e a recriar a sua existência na diáspora africana. Trazendo a musicalidade nagô como possibilitadora de uma educação musical ancestral de origem africana. O toque dos atabaques resgata a memória do povo de ontem, num hoje reinventado nas relações híbridas que os povos de terreiros construíram nas lutas por sobrevivência.

Exu Caminho de Orientação, Saberes Tradicionais e Ijexá Afro e Geografia de Ogan é fruto da pesquisa criação, ele nasce a partir de uma consulta ao oráculo ancestral. Os olhos e a boca são fundamentais, quando falo em olho, é o olho do sacerdote que olha o oráculo, e a boca para transmitir o que foi dito por Ifá. É onde a gente vem trazer do olho a boca e da boca ao ouvido os ensinamentos que nossos ancestrais deixaram para que nos orientamos no presente.

³ Ritual em que se reverencia Exu.

O oráculo é detentor de segredo. Porque quando se utiliza essa metodologia, nós entendemos que do olho a boca, da boca ao ouvido, ela vai ser a metodologia para o processo de ensino aprendido dentro do terreiro que não tem hora marcada. Que não tem planejamento. Então, na pesquisa, ela vem com o processo de buscar o dia a dia dos mestres do saber, que vão ser dos mais velhos para os mais novos. Todos dentro do terreiro têm o poder de ensinar e o poder de aprender, porque a comunidade vê o processo em todos os aspectos falando. Diante disso, nós escrevemos esse documento e puxando essa metodologia para o processo de ensino, aprendido que sai do terreiro para outros lugares de fala, através de um livro didático, com esses saberes e fazeres de dentro do terreiro que tem uma matriz africana, mas que também é brasileiro a partir das relações construídas com os indígenas, primeiros e verdadeiros donos das terras brasileiras.

2. **Pesquisa criação:** Desafios para implementação de currículo educacionais afro centrado

A pesquisa criação, foi a metodologia encontrada para falar “Exu Caminho de Orientação, Saberes Tradicionais e Ijexá afro-geografia de Ogan”. Essa pesquisa criação, ela parte primeiro do oráculo já que o oráculo é o caminho que é dado pelas informações de Exu.

A pesquisa criação é a que mais se aproxima no que diz respeito à escrita autoral. Está mais próxima da subjetividade e vivência do pertence do pesquisador com seus saberes e conhecimento do objeto a ser pesquisado, também vai ter uma característica do pesquisador em alguns momentos no processo de pesquisa ser o próprio pesquisado. A Vivência e pertence munido de outras modalidade de pesquisa já existente no campo de estudo metodológicos, como anotações em caderno de campo do que já se sabe e do que ainda vai precisar dialogando com os sujeito do lócus da pesquisa, comunidades quilombolas, indígenas, ciganos e tradicionais de matriz africana até mesmo em comunidades escolares que na maioria das vezes sabem que tá sendo pesquisado e o que eles falaram como mestre do saber e da oralidade plena, já vai se juntando como conhecimento do pesquisador.



Neste tipo de pesquisa é muito importante o contato com os mestres e mestras do saber dessas comunidades, que para obter um resultado satisfatório no produto autoral e realmente acontecer a criação que vai juntar o que já se sabe devido a vivência e pertence a essas localidades terá propriedade para escrever sobre determinado saber já que essas comunidades têm múltiplos saberes que são específicos em sujeitos que vivem nesses espaços.

O pesquisador faz o sentido emergir a partir das observações e depois verifica a adequação de seus conhecimentos prévios com o que passará a analisar diante de novos dados não observados. A escuta da comunidade e a transcrição das suas falas são fundamentais para que a pesquisa criação se fundamente no campo do desenvolvimento de pesquisas decoloniais. “De boca a ouvido” é uma metodologia muito usada nos Terreiros de Candomblé e foi importante para minha compreensão sobre pesquisa criação e suas intervenções no campo do currículo para uma educação antirracista.

No campo da educação essa forma de pesquisa é recente e vem rompendo a forma como as pesquisas tradicionais a partir da inserção do pesquisador que, também é um pesquisado que tem todo domínio do seu espaço e dos conhecimentos que circulam nesses cotidianos conceituais como quilombos contemporâneos (NASCIMENTO, 1980).

A utilização do método “de olho a boca”, parte da observação que no caso dessa pesquisa temos o exemplo do jogo de Búzios, que após observação das caídas na peneira no chão como é o caso de consultar Exu, é feito uma leitura visual e depois interpretada e comunicada ao iniciante para que esses tomem os caminhos que foram mostrados por aquele que pode falar tudo Exu, pai da comunicação na compreensão do povo Ijexá.

Um das formas de aprender novos conhecimentos, nas comunidades tradicionais de matrizes africanas, sobretudo no Candomblé, é que os mais velhos destas comunidades denominam: “olho viu boca pio”. Significa que nem tudo que o olho ver no espaço sagrado do terreiro deve ser falado ou comentado, entre pessoas que não são ou estão nessa comunidade, sequer revelado. Essa expressão é utilizada, principalmente, quando uma pessoa participa dos rituais religiosos. Os pertencentes das religiões de matrizes africanas, chamam esse saber de segredo do axé. E esses saberes aprendemos mesmo antes de sermos iniciados, é preciso ter ciência dos três pilares de sustentação das religiões de matrizes africanas que são: segredo,

preceito e respeito. Para o povo do axé esses princípios servem para produzir conhecimentos que são compartilhados entre os mais novos pelos mais velhos. A esse sistema de produção de conhecimento denomina-se cosmopercepção, diz Oyèrónké (1997). É só vivendo nesses espaços que alguns conhecimentos são compreendidos.

pois os saberes aprendidos, repassados, ressignificados nesses *espaçostempos* para crianças, jovens e adultos é de outra dimensão, precisamos ir além do olhar, devemos sentir – cheiros, cores, texturas, ventos, cantos, danças, itàn/histórias de orixá, arrepios etc.; existe uma memória ancestral reavivada através dos sentidos. Não é preciso o “ver para crer”, é preciso sentir com o corpo (BORGES; MARTA, 2020, 194).

Pesquisa/criação para educação, vai partir, dos mestres dos saberes, cuja oralidade plena e as vivências nos espaços de tradição onde o processo de ensino aprendizagem “do olho a boca” que será conduzido os caminhos e movimentos para uma solicitação de um abian, de um iniciante chegando, de um Ogan, ekedji, ou até mesmo os que já tem tempo de esteira, no caso, o povo de cuia e casa aberta, bem como os mais antigo, vai continuar aprendo dentro do espaço do axé, não tem idade para não aprender “do olho a boca.”

Muitas pessoas têm acesso aos conhecimentos ancestrais nas primeiras visitas que fazem ao terreiro. E esses conhecimentos também estão presentes no currículo escolar. Os conhecimentos cartográficos, por exemplo, estão presentes desde a entrada do terreiro ao seu último espaço, geograficamente falando. Mas vou dar um exemplo, pouco perceptível dessa cartografia que é o jogo de búzio. Pode-se observar a partir do jogo de búzio, que, ao chacoalhar o jogo ele é arremessado para peneiras ou no chão. O pai ou mãe de santo analisa as caídas dos elementos presentes na peneira (búzios, pedras, moedas, entre outros) que trarão significados complexos e somente uma pessoa experiente no axé é capaz de compreender. Após análise desta cartografia ancestral o pai ou mãe de santo, transmite oralmente o que o óculo está comunicando ao consulente. A partir daí, passa a falar para o iniciante, ou chegante, ou iniciado em uma consulta, o que Ifá recomenda. O desenho visual da consulta só o sacerdote analisa, é como uma forma cartográfica do jogo ancestral.

Como geógrafo e ogan, fui percebendo o quanto os elementos naturais presentes no jogo de búzio estão presentes no currículo escolar. A peneira, usada como base para o jogo,



tem a mesma estrutura da Rosa dos Ventos. Uma pessoa do axé, que tem conhecimento ancestral para a leitura da peneira (Rosa dos Ventos) fará a seguinte leitura: os *odus* (caminhos) distribuidora dos pontos de energia nos pontos cardeais, quando separada ao meio representam os hemisférios. A figura 01, produzida por mim durante a pesquisa de mestrado, representa a leitura ancestral da Rosa dos Ventos.



Figura 01. Os *odus* distribuídos na Rosa dos Ventos: conhecimentos Ijexá relacionando-se aos conhecimentos geográficos
Fonte: arquivo pessoal, 2017

3. Exu: Por uma pedagogia da diferença

Propõe-se discutir a figura de Exu como sendo, a um só tempo, expressão do imaginário individual e coletivo. Portanto, é o Orixá da Diferença. Exu é considerado no Candomblé, religião de modalidade africana, um dos orixás mais incompreendidos e

complexos. Tal complexidade se dá, certamente, pela demonização que sempre existiu em torno desse orixá tão híbrido, multifacetado e que aguça o imaginário da cultura brasileira pela sua polissemia e pela história distorcida pelo cristianismo que até hoje faz questão de desviar o olhar diante desse Dele que é, no fundo e na essência, potência viva e criadora do ser humano. Exu, como símbolo da Diferença, se aproxima do Deus trágico Dionísio, deus do vinho, da alegria, da embriaguez e, certamente, da afirmação da vida. Assim, propõe-se um contorno estético em busca de uma compreensão mais aguçada em torno dessa divindade tão importante e tão pouco comentada na literatura africana que é, de certo modo, a construção imagética de um dos nossos brasis que se fortalece como obra de arte.

Conversando com os participantes da pesquisa, muitos têm compreensões diversificadas sobre Exu dentro e fora dos Terreiros de Candomblé. Para Alaoro, o *Yawo* de Oxaguian, “Exu tem a mesma importância de oxalá, um completa o outro, é só estudar os itans ou até mesmo ser filho atuante de um terreiro nagô. Então Exu para mim representa um orixá, Ele é um orixá que é o mensageiro, E o providenciador de certas demandas. Na entrevista de emprego, por exemplo. Porque sim, sem Exu. Não tem, é ele que abre o caminho, abre as estradas, é ele que come primeiro, e se não trabalhar com ele, em primeiro lugar, não tem como trabalhar. Esse Orixá tem que estar presente em todos os ritos, desde o início das obrigações até o encerramento na hora que os omorixás⁴ vão embora, isso vai precisar de Exu para abrir os caminhos de retorno às residências”.

Então, na minha concepção, eu entendo que Exu é um orixá que é importante e que deve ser bem cuidado, tanto quanto igual aos outros orixás de cabeça.

Exu, é o grande mensageiro, é ele, que leva os nossos pedidos ao *Orum* e apresenta aos orixás para ser apreciado, é o grande mediador, a conexão dialógica, é a força do corpo, do movimento, é o brilho da existência, e é o brincalhão, aquele que exerce mais influência na natureza humana, e desenvolve a nossa natureza de humanidade.

É a voz no momento do silêncio, é o silêncio no momento da voz, gente de axé e de terreiro tem esse entendimento. É ele quem conduz o nosso caminhar e quando ninguém sabe

⁴ Filhos/as de orixá, palavra usada nos terreiros de candomblé para se referir a pessoas iniciadas na religião de matriz africana.



para onde ir, é ele que assegura a liberdade, a segurança das estradas, os caminhos abertos. Exu é isso, ela é muito grande, um *olode* (caçador)! na realidade ele é um guerreiro

As crianças de axé aprendem olhando e depois reproduzem nas brincadeiras nos espaços sagrados do terreiro e também em seus lares. Usando as varas de graxa, e os baldes de plástico ou alumínio elas iniciam o aprendizado do toque de atabaque, uns imitam os ogans e outros as ekedjis. Assistiu o xirê, no outro dia elas fazem o que chamamos xirê de quintal. O que elas assistem, enxergam e reproduzem. Essa inventividade das crianças é impulsionada pelo movimento e a criatividade que as energias de exu possibilitam na vida de quem se disponibilizam a apreender a partir do vivido no cotidiano do axé.

Criar uma forma de ensinar nos parâmetros do terreiro só é possível se tiver conhecimento ancestral, são várias formas de estar no espaço sagrado. Os conceitos são trabalhados pelos fazeres que, em retorno, trabalham os dizeres. Engajado na sua prática, o pesquisador se entrega a um trabalho reflexivo “em ação” e interpretativo “fora de ação”, a fim de explicitar conhecimentos tácitos e implícitos inscritos no fazer. Corrobora Lancri (2001). O pesquisador faz o sentido emergir a partir de observações e depois verifica a adequação de suas análises.

Esse tipo de pesquisa realizada por praticantes de comunidades tradicionais se caracteriza por uma dupla produção a partir da prática, ancorada a vivência, no projeto e que explicita, ao mesmo tempo, as condições de elaboração do projeto e a subjetividade do pesquisador, conduzir uma pesquisa-criação supõe que o pesquisador tome como ponto de partida sua prática e o seu olhar no objeto de pesquisa isso é, o campo a fim de desenvolver uma trajetória reflexiva visando entender o que ele faz sem muitas vezes estar em condições de compreender, a problematização que ainda pode ser, o desconhecido mesmo com toda vivência do pesquisador.

Nesse método de pesquisa-participação, o omorixá é o protagonista do seu processo de aprendizado, com dupla pertença, ele pesquisa e pesquisado/r. Como aprendeu dos seus mais velhos a educação no terreiro, não é uma simples transmissão de conhecimento, ela vai além, tornando-se um mediador e educador permitindo que o omorixá participantes da pesquisa, também possa ensiná-los à medida que vai aprendendo com ele. Compartilhando o conhecimento e o aprendizado adquirido com a sua vivência nesta escola que é o terreiro.

Todos os espaços do terreiro são uma sala de aula com conteúdos próprios das práticas que servem para orientação para vida.

O que são ensinados no terreiro se tornam guias e ferramentas para que os/as abians e para os/as iniciados de todas as idades e hierarquias diferentes construam o seu conhecimento por meio da participação, vivência e pertencimento dentro do axé, aqui só se aprende quem participa interativamente das ações propostas. Os ensinamentos não são planejados, mas são valorizados como conteúdo, se aprende com vivências anteriores de cada um dos omorixá quem é mais velho, tem vivências para ensinar aos mais novos. “A quem é dado mais, mas será cobrado” isso é fala de gente de terreiro que foi passada pelos ancestrais (Ajalá Deré, roda de conversa Ijexá, 2019).

Não existe ninguém que não saiba nada sempre tem uma coisa para dar as respostas, no axé se aprende brincando para aprender, e se aprende olhando o que está fazendo para ensinar aos que vão chegando, por isso a importância do método “de olho a boca”. Diferente das escolas formais, nos terreiros não temos avaliação com provas e pontuações nos finais de semestres ou de anos letivos. Os domínios de alguns conhecimentos como preparação de banhos, fazer um acaçá (comida usada nos rituais) ou tocar atabaques é avaliado no terreiro como forma de caminhar dentro da comunidade, e como resgate dos saberes ancestrais. Como o terreiro é local de produção e reprodução dos saberes, que é um processo que cada omorixá, seja criança ou adulto, vai construindo o seu próprio conhecimento, e se especializando em uma das funções que tem o terreiro, logo é única e diversa esse tipo de avaliação.

4. Os Terreiros de Candomblé como redes educativas: o método de ensino “do olho a boca”

Essa forma de aprendizagem dentro do terreiro, que é uma escola, ela se completa com a boca ao ouvido, sem hora marcada para acontecer esse processo de ensino que foi passado pelos nossos ancestrais, e educar desta maneira requer um poder de observação, participação e acima de tudo o pertencimento. Aprender sem ter um planejamento como nas escolas oficiais, como acontece dentro nos espaços de axé, significa que a educação, nesses espaços, tem começo, meio, mas não tem fim. É um processo ao longo da vida (PÓVOAS, 2012).



As escolas não ensinam dessa maneira, mas o terreiro tem sua pedagogia própria para o ensinamento das formas de como viver nessa existência e as orientações dadas nos caminhos que Exu transmite vem pôr essa pedagogia ancestral que usa a metodologia da oralidade nagô “olho a boca” que poderia ser desenvolvida em outros espaços de ensino. Assim, essa rede educativa que tem uma compreensão sobre os saberes ancestrais que são produzidos e compartilhados pelos pertencentes do axé com orientações dos orixás, vai mais além do que apenas tocar o xirê (dançar e cantar). Aqui se ensina para nos tornamos seres humanos completos, onde reunimos todos os saberes nesta rede educativa que é o terreiro, que muitas das vezes não alcançamos essa aprendizagem fora e que para a maioria dos que pertencem a esse coletivo considera o terreiro com único espaço de escolarização da vida. Para a comunidade pesquisada:

- O que diz: a vivência no axé e a troca de diálogo cria o que chamaria de teoria. Deste modo, o método prevê que, essa escola - terreiro deve ser incluída na pedagogia de boca ao ouvido, que é comunal, inclusiva, participativa e levando em conta as necessidades de aprendizado dos omorixás em cada fase de vivência no terreiro do abian até chegar ao sacerdócio e receber deká se for caso, preservando o preceito, o respeito e o segredo da tradição Ijexá, tendo conhecimentos dos fundamentos desde orixá Exu à oxalá.
- Foco no omorixá e nos seus mais velhos, o bem-estar emocional, físico e espiritual dos omorixás é importante para que o mesmo siga aprendendo os saberes e fazeres ancestrais.
- Papel do dos mestres e mestras (professor): cada mais velho que tem um cargo ensina aos filhos do axé com base no respeito e humildade para aprender e ensinar durante o período de abian e depois da iniciação que dura sete anos. Nós precisamos ser uma referência de comportamento, disciplina e respeito dentro da religião de matriz africana, o Candomblé, para que o público externo e interno possa se “espelhar” em todos. Quem têm cargos são especialistas nos seus saberes porque detém conhecimento na oralidade que é ponto fundamental de aprendizagem fundamentado nos ensinamentos dos ancestrais e dos orixás, nesse ponto contempla o que chamamos na prática religiosa de dentro do terreiro a “boca ao ouvido” vai se dar o compartilhamento dos saberes e fazeres da comunidade.
- Como se aprende: no terreiro o processo de ensino é diferente. Aprende com a vivência, e o ensino é dividido pelo tempo que dura cada fase de iniciação que uma pessoa permanece, ou passa de uma fase para outra. O *abian* é a primeira fase e começa com o *bori* de iniciação. Nessa fase, uma pessoa fica o tempo necessário para aprender. Mas quem determina o tempo de mudança dessa fase ou das demais que seguirão, são os/as orixás. Pode durar um mês ou a vida inteira, há casos em que a pessoa morre sendo *abian*, mesmo sendo do candomblé há mais de 15 anos. Mas para quem segue na caminhada é escolhido pelo orixá a seguir seu processo de transcendência, que pode ser iniciado em ekedji, ogan e/ou yaow. As religiões do candomblé precisam continuar existindo e sua existência depende da iniciação em yaows. Ao ser iniciado em yaow, o ciclo de aprendizagem dura sete

anos. Após esse período recebe o deká uma espécie de formatura, se tiver o *Odu* de sacerdote a aprendizagem contínua, até fundar a sua própria comunidade. Ogans e ekedji vivem em constante aprendizado, no terreiro nunca se pára de aprender, cada dia é uma lição diferente, até os mais velhos também aprendem. Nunca se sabe tudo no candomblé. Nessa “escola” a aprendizagem é contínua. Mas se torna preparado quando se aperfeiçoa nos fundamentos da religião, como não há provas, as avaliações são baseadas nas atividades diárias, quando seus mais velho mandam os omorixás fazerem algo. Aí percebe-se a maturidade e o aproveitamento do que lhes foi ensinado.

Como se introduz um novo conceito: uma característica ‘olho a boca e boca ao ouvido’ é o ensino em épocas de ‘obrigação’. As ‘obrigações’ são atividades afro-religiosas que acontecem no terreiro que duram de 04 a 21 dias, dependendo da ‘obrigação’, como iniciações de novos filhos da casa. Quando se passa quatro semanas no axé aprende de tudo que é ensinado, “Isso permite que o omorixá lembre mais facilmente o que viveu e aprofunde perguntando aos seus mais velhos “diz Ajagunan”.

➤ Reflexos na sala de aula: no terreiro essa sala de aula ancestral, no primeiro momento devemos olhar os movimentos feitos para a roda do xirê, a ênfase no desenvolvimento da coordenação motora e no despertar da memória para os movimentos corporais a partir dos ritmos aquece os movimentos. Como essa fase é dedicada principalmente às atividades lúdicas, que é muito forte dentro do axé, que corresponde ao ensino inicial, o foco é na educação dos sentimentos para que os omorixás adquiram maturidade emocional. Daí a pedagogia do olho a boca e da boca ao ouvido é repleta de atividades que incluem desde a arte, como música, (orquestra sagrada) que é o cântico e a danças dos orixás que vão se transformar em espécie de teatro e que são contados os itans, (histórias), além de trabalhos manuais, tudo que se usa no terreiro a marcenaria, bem como jardinagem e os ornamentos com os motivos de cada orixá a ser festejados é ensinamento.

Espera-se formar pessoas mais humanas: o método visa desenvolver uma aprendizagem para fortalecer a personalidade do omorixá, preparando nele a clareza do raciocínio, equilíbrio emocional e que tenha iniciativa de ação dentro e fora do terreiro. Ao final dessa aprendizagem no axé, o omorixá está pronto para exercitar o pensamento e fazer uma análise do que significa o bem viver desenvolvendo uma visão de mundo numa perspectiva da diferença, compreendo o que significa o conhecimento cruzado com o diverso, o laico e na luta por uma educação antirracista.

Palavras inconclusivas: Exu é sempre horizonte

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos, e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.

Eduardo Galeano (1994).



Conversando com Galeano, pude compreender Exu, Exu é caminho diverso, cruzado. O nosso desafio, enquanto educadores comprometidos na luta por uma educação antirracista, é trazer discussões sobre as redes educativas ancestrais como espaço de produção de educação, cultura e compreensão política cujos princípios são da caminhada cruzada com o que aprendemos nas relações interculturais que cada estudante nos apresenta no chão da escola, mas também uma escuta e compreensão dos conhecimentos que trazem das suas comunidades de pertencimentos, seja elas as comunidades ribeirinha, as aldeias indígenas ou os terreiros de candomblés. Dá visibilidade às narrativas que falam de Exu é lutar contra a invisibilidade da História da África e dos afro-brasileiro no currículo escolar, principalmente no campo da geografia.

O meu lugar de fala é o terreiro, mas quem fala realmente é Exu, pois ele é a boca coletiva, a boca do mundo, tudo ver e tudo fala, é uma das suas características. “Do método de olho a boca” (AJAGUNAN, 2020), calçado na pedagogia “De boca ao ouvido” que é a forma de ensino das casas tradicionais de axé. As aprendizagens não acabaram. Estou sempre discípulos, por mais que seja mestre e ogan, aprendo com os meus mais velhos e com a sabedoria dos ancestrais, Exu é elegante, fino, cognitivamente esperto, criativo, híbrido e complexo. Ele precisa dessas bocas do/no mundo, que nós somos, para transmitir o que olho ver e que a boca pode falar. Mojubá!



Referências

AJAGUNAN, R N. de O. **Exu, caminhos de orientação:** saberes tradicionais de matriz Ijexá, afro-geografias de um Ogan. Memorial (Mestrado) – Universidade Federal do Sul da Bahia, Campus Jorge Amado, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais, **UFSB, 2020. - 124f.**

ALVES, N. OLIVEIRA, I. B. **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas:** sobre redes de saberes. Petrópolis, DPetAlii, 2008.

BORGES, L. M. Facebook e afro-religiosidade: o orunkò e os ‘nós’ no intercruzamento das redes que nos formam. **Odeere:** revista do programa de pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – Ano 2, número 3, volume 3, janeiro - junho de 2017.

BORGES, L. M; OLIVEIRA, Raimundo Nunes de; CAPUTO, Stela Guedes. A organização geográfica do terreiro de candomblé contribuindo para Ensino da Geografia. **Revista Entre Ideias:** Educação, Cultura e Sociedade, Salvador, v. 5, n. 2, p. 79-94, jul./dez. 2016.

BORGES, L. M.; FERREIRA, M. **Redes Educativas do Contexto da Cibercultura:** Crianças de/nNo Terreiro Traçando seus Saberes. <http://ojs.univas.edu.br/index.php/argumentosproeducacao/article/view/634/427>, v.05, p.193 - 211, 2020.

DUARTE, E. de A. Literatura e Afrodescendência. **Um tigre na floresta de signos:** estudos sobre poesias e demandas sociais no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010

flor do nascimento. w. Temporalidade, memória e ancestralidade: enredamentos africanos entre infâncias e formação. In: RODRIGUES, A. BERLE, S. KOHAN, W. (orgs.). **Filosofia e educação em errância:** inventar escola, infâncias do pensar. Rio de Janeiro, NEFI, 2018.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte, Ed UFMG, 2006.

GALEANO, E. **‘Las palabras andantes?’** publicado por Siglo XXI, 1994.

LANCRI, J. **Colóquio sobre a metodologia da pesquisa em artes plásticas na universidade.** In: BRITES; TESSLER (org.). O meio como ponto zero. Porto Alegre, Ed. Universidade/UFRGS, 2002. (Coleção Visualidade; 4.)

OLIVEIRA, E. D. **A Ancestralidade na Encruzilhada: dinâmica de uma tradição inventada.** Dissertação de Mestrado. Curitiba: UFPR, 2001.

OLIVEIRA, Eduardo D. **Filosofia da Ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira.** Curitiba: Gráfica e Editora Popular, 2007.

OYĚWÙMÍ, O. **The invention of women: making an African sense of western gender discourses.** Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997. Tradução para uso didático de wanderson flor do nascimento.

OLIVEIRA, R N de; BORGES, L. M. Organização Geográfica do Território Sacralizado do Ilé Axé Ijexá Olufon de Itabuna – BA: contribuindo para o Ensino de Geografia. **Anais do**



VIII Seminário Internacional: - As Redes Educativas e as Tecnologias: Movimentos Sociais e Educação (junho/2015).

OLIVEIRA, R. N; VIANA, M. dos S. Resignificação da natureza no Ilê Axé Ijexá Orixá Olufon. **Anais do XI ENECULT**, v.1, Edição 2015, Salvador/BA.

PÓVOAS R. C. **Mejigã e o contexto da escravidão**. Ilhéus: Editus, 2012.

PÓVOAS R. C. **A Fala do Santo**. Ilhéus: Editus, 2002.

PÓVOAS RUY DO CARMO. **A Viagem de orixalá:** estrada de sagitário e caminho de Orumilá. Ruy do Carmo Póvoas. - Ilhéus: Editus 2015 416p:il.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Artigo recebido para publicação em: 10 de maio de 2021.

Artigo aprovado para publicação em: 27 de junho de 2021.